

[Sobre...

O VEXAME SEM PRECEDENTES PARA O DESPORTO NACIONAL, QUE FOI A IMPRESSIONANTE DERROTA DA EQUIPE BRASILEIRA DE FUTEBOL, NO ESTÁDIO MINEIRÃO, DIANTE DOS ALEMÃES...].

11 de julho de 2014

Blitzkrieg à mineira

Bom...ainda estou, até agora, tentando encontrar o caminho de volta para casa, depois da hecatombe que ocorreu no Mineirão, na última terça-feira...

Usando as palavras do poeta Paulo Leivas Macalão como alento, onde ele diz que “...os mais belos hinos e poesias, foram feitos na dificuldade...”, vou tentar recuperar meu orgulho destruído de brasileiro...

E quando eu falo de ‘orgulho ferido’, não é porque eu acredito em algumas baboseiras ideológicas, largamente difundidas na mente do povo brasileiro, embutidas em frases como “A Pátria de chuteiras!”, “Somos 200 milhões de técnicos!”, “Somos o país do futebol!”, etc, etc. Me refiro a questão de representar meu país com um mínimo de decência, em qualquer área que seja.

No tocante a vergonha que aconteceu no Mineirão, no dia 8 de julho, eis algumas considerações:

Nem precisava ser um expertise no assunto, para ver claramente, que a ‘safra’ de jogadores brasileiros para essa Copa, foi bem pobrezinha...com exceção do Neymar, David Luis, Thiago Silva, e do próprio Júlio César, considero os outros jogadores, medianos ou comuns. Não havia como o Brasil ganhar uma Copa do Mundo com esses jogadores...

E, nesse quesito, não há de se culpar o Scolari. Só para efeito de explanação, se ele não chamasse Fred e Jô, ia chamar quem? Alan Kardec? Adriano?

Na questão da escalação dessa equipe para a Copa, o único ‘senão’ do Felipão, ficou por conta dele não levar um jogador que pudesse municiar com passes de alguma qualidade, os homens de ataque da seleção, como Kaká e Robinho, por exemplo. Se o Felipão se deu ao luxo de convocar, preparar, e preservar Fred e Júlio César, quase um ano antes do mundial, porque ele não fez isso com um jogador que pudesse fazer um passe diferenciado, como o P. H. Ganso, por exemplo?

O título da Copa das Confederações, criou a ilusão de que era possível ganhar também a Copa do Mundo, com praticamente os mesmos atletas.

É a mesma situação de uma equipe que, campeã da Série B, quer disputar em igualdade de condições a Série A do Campeonato Brasileiro, sem reforços, ou a

[continuação de "Blitzkrieg à mineira", de Luiz Fernando Liveira.....]

assimilação da mentalidade de que o nível de competitividade subiu.

Vi, e ouvi, Scolari e Parreira, dizendo para quem quisesse ouvir, que ‘o Brasil vai ser campeão!’... a arrogância dos dois, deu no que deu.

Quando o torneio teve início, já dava para prever que algo não muito bom se desenhava mais adiante. No jogo contra a Croácia, a vitória só veio porque o juiz japonês validou dois gols com lances irregulares, haja vista que o pênalti no Fred não existiu, e no gol do Oscar, houve falta clara no início da jogada, do Ramires.

O embate com o México, talvez, tenha sido a melhor apresentação do Brasil nessa Copa: Atacou e se defendeu com razoável sincronia, e o empate no final foi ‘culpa’ clara da muralha mexicana, que atende pelo nome de Ochôa.

Contra Camarões, não vale comentar, porque os jogadores africanos estavam claramente mais preocupados em brigar pela premiação que iriam (ou não) receber do seu governo, pela participação no evento.

Nas oitavas, contra o Chile, já era para o Brasil ter sido eliminado. Aliás, teria sido bem melhor o Brasil ter perdido para os chilenos nas oitavas, hein?

Nas quartas de final, previ que o Brasil ia tomar uma ‘lapada’ dos colombianos, dada a diferença no tratamento com a bola das duas seleções. No entanto, os colombianos ‘amarelaram’ (ou ‘avermelharam’, haja vista que jogaram de vermelho!).

Talvez, porque o Brasil jogou o primeiro tempo do jogo, como exigem os padrões ditos modernos do futebol: ‘Muita transpiração, e inspiração que se dane’.

E, aí, veio o jogo contra os alemães. Com ou sem Neymar e Silva, o Brasil não teria como fazer frente à ação esmagadora dos germânicos no Mineirão, que, me parece, transpuseram todos os fantasmas aterrorizantes das 1ª e 2ª Guerras Mundiais – como a *blitzkrieg*, por exemplo! – para o gramado do estádio de Belo Horizonte/MG.

A *blitzkrieg*, doutrina militar avassaladora do general alemão Erich Von Mastein, consistia em, simplesmente, atacar com velocidade, de surpresa, e sem deixar que o oponente se reorganizasse...

Essa doutrina militar se baseava em três elementos: O efeito-surpresa, a rapidez das manobras, e a brutalidade dos ataques, e seus objetivos principais consistiam na desmoralização do inimigo, e na impossibilidade do mesmo continuar a lutar.

E foi exatamente isso o que aconteceu no Mineirão!

O time brasileiro foi destroçado, e não lhe foi permitido tentar se reorganizar. E, entre os minutos 20 e 30 do primeiro tempo do jogo, a seleção alemã se assemelhou a um outro pesadelo seu da 2ª Guerra: O colosso navio-couraçado *Bismarck*, a despejar

[continuação de "Blitzkrieg à mineira", de Luiz Fernando Liveira.....]

balaços das suas apocalípticas torres de canhões Anton, Bruno, Caesar, e Dora – balaços esses, em formas de gols – nas redes brasileiras...

E o resultado de tudo isso, já sabemos, foi a maior vergonha da história vencedora do futebol tupiniquim...

Agora, resta-nos assimilar a humilhação, e aprender com essa trágica derrota. Um bom exemplo, a própria Alemanha nos fornece: Depois de perder em casa, em 2006, a Federação de Futebol Alemã investiu em centros de treinamentos de primeira linha, por todo o país, com o objetivo claro de selecionar talentos diferenciados. E os resultados surgiram já há alguns anos, quando os clubes alemães passaram a dominar as competições européias, e com jogadores de excelente nível técnico, como Götze, Kroos, Müller, Neuer...jogadores esse que, tornam a seleção alemã, detentora de um futebol temível e avassalador.

No caso brasileiro, mais do que centros de treinamentos de qualidade, devemos sepultar essa prática nefasta que está lançando por terra a possibilidade da descoberta de novos craques: A 'apadrinhção' de jogadores pernas-de-pau, que jogam em grandes clubes, somente porque são filhos de ex-jogadores, porque têm bons empresários, ou são 'afilhados' de pessoas influentes de clubes ou de ricos.

Aliás, só ganhamos 5 Copas do Mundo, justamente porque formávamos jogadores que, através da incrível habilidade individual, conseguiam transpor as retrancas e ferrolhos táticos montadas pelos 'professores' estrangeiros. Que o digam Garrincha, Pelé, Nilton Santos, os Ronaldos, Romário...precisamos voltar a buscar jogadores desse nível técnico. E jogadores assim, são encontrados 'de carrada', nos campinhos de várzea e ruas de terra, a serem 'lapidados' pelas adversidades da vida.

Ah, e antes de tudo: Precisamos ter a humildade de reconhecer que não somos mais (isso, há muito tempo!) o 'País do Futebol!'

Poderíamos, também, investir em Educação. Aliás, como já fazem os alemães, desde sempre. E que, agora, além de serem uma potência como nação, aprenderam a jogar futebol.